



O INSTAGRAM DE CLARAH AVERBUCK: UM CORPO LITERÁRIO QUE FALA

Roseli Gimenes¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre o papel das redes sociais no ativismo digital apontando as questões expressivas do feminismo por meio do instagram da escritora Clarah Averbuck. Averbuck foi pioneira do espaço de escritura digital ao criar muitos anos atrás um blogue provocativo em que discutia as principais questões do empoderamento feminino. Pelo instagram, a autora revela mais que escritura literária verbal porque vai além ao postar-se na aprendizagem da pole dance, considerada uma dança de conotações sexuais em suas apresentações, sentido comum, em shows e boates para público masculino. A metodologia do trabalho consiste em análise de algumas postagens fotográficas com um contexto verbal literário apontando, quase sempre, uma crítica a esse universo masculino que critica mulheres intelectuais em cenas chamadas ironicamente de obscenas. O material será analisado pelo ponto de vista teórico de Castells (2013) em função do uso de redes sociais para expressão para além do literário, mas também do literário. A discussão ambienta-se, pela fusão imagem-texto, na concepção semiótica do corpo de acordo com as posições de Lucia Santaella (2004) somando-se às interpretações de Santaella e Lemos (2010) sobre redes sociais. Revelar o quanto é criativa e poética a rede mostra como o instagram pode também falar a todos desmistificando o corpo feminino.

Palavras-chave: Clarah Averbuck; Literatura; Corpo; Instagram; Redes Sociais.

Introdução

A escritora Clarah Averbuck logo nos primórdios das redes sociais manteve blogue com escritos e comentários a respeito das questões sobre feminismo. Desde sempre seguiu publicando várias obras que a consagraram como parte das escritoras contemporâneas brasileiras. Nascida ao final dos anos 70, fez parte de grupo de autores vindos de Porto Alegre nos anos 2000. Vinte anos depois e muitas publicações na bagagem, a escritora nos últimos tempos, além de continuar contribuindo para revistas ativistas, dedica-se a publicações no instagram.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar uma discussão sobre o papel das redes sociais no ativismo digital apontando as questões expressivas do feminismo por meio do instagram da escritora. Averbuck foi pioneira do espaço de escritura digital ao criar um blogue provocativo em que discutia as principais questões do empoderamento feminino. Pelo instagram, a autora revela mais que escritura literária verbal porque vai além ao postar-se na aprendizagem da pole dance, considerada uma dança

¹ Unip SP Brasil – e-mail: roseligi@icloud.com.



de conotações sexuais em suas apresentações, sentido comum, em shows e boates para público masculino.

A metodologia do trabalho consiste em análise de algumas postagens fotográficas com um contexto verbal literário apontando, quase sempre, uma crítica a esse universo masculino que critica mulheres intelectuais em cenas chamadas ironicamente de obscenas.

O material será analisado pelo ponto de vista teórico de Castells (2013) em função do uso de redes sociais para expressão para além do literário, mas também do literário. A discussão ambienta-se, pela fusão imagem-texto, na concepção semiótica do corpo de acordo com as posições de Lucia Santaella (2004) somando-se às interpretações de Santaella e Lemos (2011) sobre redes sociais.

Revelar o quanto é criativa e poética a rede mostra como o instagram pode também falar a todos desmistificando o corpo feminino. Nesse sentido, o trabalho espelha um pouco da figura poética da autora, do sentido das redes sociais, especificamente, o instagram, as questões do feminismo ativista e a análise de um espectro de corpo como suporte poético.

Redes Sociais – o Instagram

Castells (2013) como sociólogo estudou as redes como nós que se enlaçam. Nesse sentido, Averbuck pertence já à geração que interliga esses nós. Partindo da divulgação de seus escritos pelo blogue, a escritora tornou-se uma ativista nas e pelas redes. Dentre essas redes, navegamos pela internet com muitos propósitos, entre eles, divulgar nossas emoções, nossos pensamentos e nossas obras.

Essa rede de conhecimento e divulgação é diversa em público atingido. Quando se está navegando, usa-se o google para encontrar alguém e rapidamente somos dirigidos a outras malhas como o facebook, o twitter, o linkedin, o instagram. Cada uma dessas redes trabalha com pessoas, imagens, textos focados em um tipo de público. O linkedin, por exemplo, acabou tendo como função lidar com temas relacionados ao trabalho. O facebook ficou um tanto mais perceptivo a um público adulto. Ao instagram vários são os interesses, mas os mais jovens o preferem mais, mas não tanto quanto preferem o TikTok.

Em virtude disso, a publicidade é um dos nós que se enlaçam nessas redes jogando seus produtos em diferentes segmentos, diferentes faixas etárias. Há todo um percurso a saber qual horário é o mais visualizado pelos usuários, assim é preciso analisar o pico de busca de material em cada rede.

Em 2019, um bilhão de usuários estavam no instagram. A questão é exatamente como capturar esse grande número de pessoas interessadas no seu produto, na sua figura, na sua imagem. Eis o ponto aqui relevante, o instagram é uma rede muito focada em imagens. Há textos, mas são curtos com



limite de caracteres. Diferente do facebook ou do linkedin. Significa que a força dessa rede se ata por nós imagéticos. Ativam literalmente o imaginário, um dos três registros da psicanálise segundo Lacan (1974-1975), aquele que trabalha com a questão do espelho, quer dizer, que busca uma identidade em um outro, uma imagem refletida. Esse mesmo imaginário que a semiótica trabalha com o signo na posição de ícone (Santaella, 1985) como aquilo que está presente à consciência de alguém naquele momento presente. Isso tudo faz do instagram um enorme espelho em que encontramos ou nos encontramos imagem à semelhança.

De seu lançamento em 2010, lá se vão dez anos de imagens no instagram. É simples criar um perfil nessa rede, postar suas fotos de preferência, criar stories com imagens e textos rápidos que levam o desejo ao usuário já que elas não ficam disponíveis o tempo todo. Cada like dado a um post conta pontos de excelência a favor de quem quer vender seu produto. E o produto é você mesmo, muitas vezes.

Como veremos, Clarah Averbuck não está necessariamente vendendo-se como um você, mas está manipulando ideias ativistas do corpo feminino em busca até do choque que ele provoca ao olhar do usuário. O instagram é, então, a melhor vitrine. A autora não está ali postando seus textos literários. Posta o corpo que então funcionará como escritura.

O corpo de Clarah Averbuck no instagram como escritura

Segundo Santaella (2004), a estética da beleza é um dos aspectos estruturantes da prática e do culto ao corpo o que implica textos e mais textos que dão todo tipo de conselho às mulheres sobre como evitar estrias, como alimentar-se para um corpo saudável e por aí afora. Vê-se a mulher – objeto, um material de prazer.

Essa ideia de imagem perfeita escultural de corpos esbarra no cotidiano das imperfeições; fácil deduzir que mulheres, jovens em especial, praticam da bulimia à anorexia em busca da perfeição. Pura anemia.

Exatamente para falar do corpo como sintoma da cultura e distúrbio que causa sofrimento é que Averbuck expõe seu próprio corpo a fim de marcar um corpo na medida do possível como um corpo real, não um corpo imaginário. Sabemos, o real não existe. Esse real nos dá conta pelo simbólico conforme seguimos por Lacan (1974-1975). O real transborda em sonhos, em chistes, em tantas simbólicas representações. De qualquer forma, aquela imagem que vemos estampada nas capas de revista é o imaginário, um ideal, de um eu. Assim, um ideal de artista, de modelo. Não se trata do corpo em si. Mas sim de um corpo que se vê no espelho. Um outro eu. Imaginário. Se esse corpo não



comporta aquela imagem não serve para aquele eu. Então, as inúmeras receitas de emagrecimento, de tratamento da celulite, das academias sem fim para muito além do cuidado da saúde do corpo.

O corpo está desnudo nas redes sociais. São sempre sorridentes, são sempre esbeltos frutos do tratamento das imagens pela cada vez mais preciosa tecnologia digital. No entanto, essa é a busca por aquele corpo que se vê na lógica do consumo, na lógica dos likes das redes. Diverso do real do corpo que sofre a ação do tempo, o envelhecimento, a morte.

Exatamente o corpo pulsional, real, é aquele exposto no instagram pela escritora. Aquele que provoca o olhar aos seios, às nádegas, às pernas e suas imperfeições. Fora do padrão de medidas das redes, ainda assim é um corpo que se mostra por imagens. Não é o corpo em si. Sim, imagens da fotografia que pratica a melhor posição, o melhor ângulo, a selfie desejada. Um eu mesmo que se fotografa quase sempre de forma digital, uma brincadeira que vem desde sua popularização em 2006. Existiam antes com o uso das descartáveis polaroides. Com o advento dos dispositivos móveis, elas já em 2013 viraram estrelas. Retrato dos auto-retratos.

Averbuck fez várias selfies usando como pano de fundo a pole dance. Esse tipo de dança já existia em 1920, mas popularizou-se nos anos 2000 como exercício que exige prática, mas que pode ser realizado por qualquer pessoa. Quase sempre a dança é feita por mulheres. Ela dá flexibilidade e maleabilidade ao corpo. Marca músculos e exhibe extrema sensualidade de movimentos. Justamente em 2008, a atriz Jennifer Lopez exibiu-se em pole dance no filme *As golpistas*, de Lorene Scafaria. Na película, Lopez interpreta uma stripper. A conotação de dança sensual levou esse estilo a ser banido em alguns países como na Coreia do Sul, justamente porque essa dança encontra-se em bares em que strippers se apresentam. Muito comum é que os canos usados para a prática da dança encontrem-se profusamente em motéis como convite à exibição do corpo feminino. Em que pese alguns desastres semânticos, pelo contrário, a pole dance exige esforço físico e dedicação aos treinos isso faz com que assumam a posição firme de exercícios saudáveis ao corpo. A questão é que para fazer a pole dance usa-se muito pouca roupa porque braços e pernas precisam de liberdade para agarrarem-se ao cano. Eis que o corpo está necessariamente exposto como, aliás, os de bailarinos em geral. Essa exposição escancara literalmente o corpo deixando as imperfeições visíveis a olho nu. Inclusive mostrando as contusões que o exercício provoca.

Essa é a composição corporal das selfies em que Clarah Averbuck se coloca no instagram. Um corpo quase desnudo sob olhares. Essas postagens são quase sempre acompanhadas de um texto provocativo ao usuário a fim de chamar atenção às imperfeições do corpo da escritora. São fotos em que algumas



vezes os gatos de Averbuck aparecem ao lado do pole, o cano. São sapatos de plataformas altíssimas que nos lembram desfiles de escolas de samba em fantasias mínimas.

A figura 1 mostra uma belíssima imagem, ali não como selfie, bem produzida de um dos momentos de sensualidade da escritora falando e flanando pelo corpo. Além das fotos estúdio, há aquelas que usam o espaço público como as escadas do Municipal na figura 2. A ocupação transgride a chamada sobriedade do lugar público. Na figura 3, o que chama mais atenção é o texto que se segue à foto: “Meu corpo não é um objeto, é um instrumento pra fazer o que eu quiser: falar, dançar, comer, beber, existir, rebolar. E ninguém vai usá-lo ou minha sexualidade contra mim.”

Essas postagens no instagram são em média de fevereiro e março de 2019.

Figura 1: Postagem do instagram de Clara Averbuck



Fonte: Instagram.

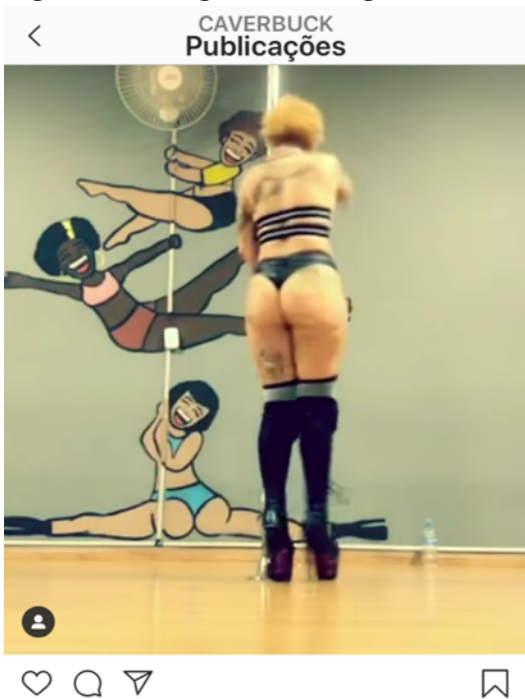


Figura 2: Postagem do instagram de Clara Averbuck



Fonte: Instagram.

Figura 3: Postagem do instagram de Clara Averbuck



Fonte: Instagram.



Observando nas três figuras o corpo da escritora fazendo pole dance ou não, em selfies ou não, faz todo o sentido o que ela enuncia sobre o feminismo no sentido de não ter ligação com mostrar o corpo ou não, ser feminina ou não, ter ou não ter filhos. Clarah amplia a questão do feminismo expondo as mazelas sociais que envolvem homens, mulheres, trans, todos:

Vale sempre lembrar que o mundo machista também oprime os homens com esse negócio de que eles têm que ser os provedores, que eles têm que ser durões, que não podem chorar, que não podem demonstrar nenhuma característica atribuída ao feminino porque isso é considerado uma fraqueza – já que as mulheres são consideradas mais fracas, logo, inferiores. Gay é "xingamento" porque ser gay é ser um homem mulherzinha. Gente, não dá mais isso, 2013, sabe? Chega de reproduzir conceitos sem sequer parar para pensar neles. (AVERBUCK, 2020)

A citação acima é de 2015, em uma reação ao medo das pessoas ao termo feminismo. Já em 2013, a autora compunha um retrato de como uma menina se torna uma mulher em *Eu quero ser eu* (2013). Na obra, a rebeldia de uma adolescente assoma porque quer ser simplesmente como é: como seus cabelos são, com as roupas que gosta de usar. O livro é narrado por Ira, uma jovem de apenas 14 anos que fala palavrão, tem atração pelo professor de biologia e se passa por adulta para comprar cerveja. Mas, por trás de seu sempre presente caderno de desenhos e de suas camisetas de bandas de rock, está uma menina insegura, que questiona o tempo todo sua capacidade de se adaptar ao novo ambiente escolar. Em outras palavras, uma jovem que quer se afirmar como um ser que pensa, que tem ideias próprias. A narrativa, embora não autobiográfica, lembra bastante a relação da autora com a filha à época adolescente.

Ainda que desacompanhadas de texto as imagens projetadas no instagram de Clarah Averbuck provocam um olhar também político, para além do literário. É esse corpo que muitas vezes debocha e quer chocar quem o vê dando à artista a pretensa vulgaridade do senso comum, algo que ela não tem. Por que não? Ao lado dessas imagens do próprio corpo, a autora também se mostra em selfie de rosto quase sempre com enormes brincos, maquiagem intensa e deixando à vista tatuagens. Só, aliás, o corpo como forma de arte, no caso com as inscrições de tatuagens, daria um novo artigo sobre a escritora. Recente, em 17 de outubro de 2020, ela postou: “Autoficção: a vida como matéria-prima. Oficina online”. A descrição provocadora era: “hoje começa a oficina de autoficção pra aprender a usar a vida como matéria-prima, toda uma vida dá um livro, é só saber contar. (...)”.

Em 15 de outubro de 2020, ela postou exatamente o que daria boas análises do que sejam as redes sociais. Aponta o alto índice de suicídio e automutilação entre meninas de 15 a 19 anos por conta da insatisfação com o próprio corpo. Segundo pesquisas que ela menciona, as redes sociais seriam as responsáveis pelos índices. Apontamos sobre isso ao falarmos do instagram. Ou seja, meninas, mas



mulheres também e principalmente são atingidas por essa busca do que Clarah chama de ângulo. Ela assume que recebe cotidianamente anúncios de clínicas para procedimentos milagrosos. Como ela mesma diz, fica difícil não cair nessas armadilhas. E o post termina com: “Fiquem com essas fotos (sem filtro) da minha bunda em dois ângulos e pensem: o quanto somos afetadas?”

Por que essas postagens assumem um caráter de escritura? É o que se vê no texto acima, mas também na participação de lives como “Pole Dance: Desmistificando a prática do Pole Dance”, feita em 14 de setembro de 2020 no @miss_scarlet_fetichique. O enfoque trabalhou o que se convencionou relacionar com essa dança, ‘coisa de puta’, justamente pela criação inicial de trabalho das ‘dançarinas exóticas’. A autora, junto com a foto, provoca no post: “Por que ainda temos que explicar algo relacionado ao nosso corpo e a nossa sexualidade?”

A literatura que não está impressa também se expressa por essas oficinas anunciadas pela autora como é o caso do post publicitário em sua página “Como escrever putaria”, de 9 de outubro de 2020. O texto justifica a importância de aprender como se faz isso já que, segundo a escritora, “A oficina de putaria é para quem não tem paciência com os véus e eufemismos da literatura erótica pudica.” Ao lado dessas oficinas provocativas para o público comum que, provavelmente, não segue seu perfil no instagram, Clarah continua oferecendo aquelas de “Escrita Criativa” para “quem escreve, pra quem não escreve, pra quem escrevia e tem saudade, pra quem sempre quis: cola comigo”, post publicado em 23 de setembro de 2020.

Averbuck mostra em vários posts também aquilo que desmistifica autor e autoria em que pesem suas oficinas de autoficção. Caso da postagem de 20 de setembro de 2020 em que a escritora está em uma foto com botas de cano longo. Ela explica a relação dessas botas com as que aparecem em sua obra *Vida de Gato* (2004). Tão forte a relação, que ela conta do encontro na rua com uma fã que lhe perguntou se as botas eram as do livro. Imediatamente Clarah respondeu que aquelas eram as botas do livro. Só existiam no livro, “como tantas outras coisas na minha escrita. Não é porque a vida é matéria-prima da arte que podemos sair pisando nela por aí.”

Se falando sobre instagram, colocamos que nessa rede o foco é a foto, nem tudo caminha exatamente seguindo as normas de postagem de fotos sem texto ou com pequenos textos. É o caso de algumas postagens de Clarah como a de 17 de agosto de 2020. Abaixo de sua foto com ares de modelo o texto vai exatamente desmistificar também o que conhecemos como modelo de modelo. Algo que Clarah não é, mas queria ser. Trata-se de um texto bem longo com uma narrativa dos porquês queria ser isso ou aquilo. E encerra com a ironia: “Modelo de porra nenhuma”.



Ao lado de ideias sobre o corpo e sobre a crítica que se faz ao uso dele, sobre como Clarah encara a escrita criativa e a autoficção, a autora vai postando seus encontros cujas conversas, como no caso da live do Jornal da Forum, “Comentários e análises da política”, publicada em 17 de agosto de 2020, falam sobre isso. E continua com as provocações como em 24 de julho de 2020 ao escrever abaixo de uma foto montada em sapatos de pole dance: “você só posta foto pelada- você não escreve mais!!! isso é feminismo?! precisa? o estado do país e você aí querendo ver arte no corpo (...)”.

Nesse ponto, questionamentos se fazem. Texto nas redes sociais é literatura? Autoficção no instagram é literatura? O instagram de Clarah Averbuck é literatura?

A autoficção é considerada literatura porque não se trata de autobiografia, mas de uma fusão de autor e narrador, de biografia e ficção, algo como as botas de Vida de gato e as botas usadas pela autora andando pelas ruas. São muitos os grandes autores que fazem autoficção. Um exemplo é o autor Philip Roth. Outro é o do brasileiro Cristóvão Tezza. No caso deste último, sua obra O filho eterno (2007) narra a relação de um pai com um filho com síndrome de Down. O fato de o autor, de fato, ter um filho com a síndrome é apenas parte da semelhança. No mais, a vida de Tezza e a do pai no livro seguem rumos diversos da vida. São rumos ficcionais.

As redes sociais avançam e, desde os blogues até o twitter, vários autores vieram a público e delas foram impressos em livros por grandes editoras. O caso mesmo de Clarah evidencia essa transição. A autora começou a escrever em blogues e deles teve vários livros publicados. À época, eram os blogues. Muitos escritores continuam esse percurso como Gimenes (2017) já apontava incluindo obras de Averbuck em sua análise do percurso escritura impressa e e-book.

É fato que textos publicados no instagram podem se assemelhar à autoajuda e ser interessante às editoras que buscam publicações que tenham por trás inúmeros seguidores. Seguidores são compradores de livros. Apontar que Clarah tem, em 17 de outubro de 2020, 45,2 mil seguidores é um número considerável. Se cada um desses seguidores também compra ou comprará livros da autora não é garantia de sucesso já que a própria autora afirma em vários posts que está sempre em busca de trabalho, que seu livro este ou aquele está esgotado e que nenhuma editora a procura para nova edição. Enfim, que muitas vezes está sem dinheiro até para manutenção de seu lugar de moradia. A escritora já disse que está escrevendo um novo livro. Pelo celular. O computador quebrou.

Considerações finais

Clarah Averbuck, ultimamente assina apenas Clara Averbuck, publicou alguns livros. Muitos por grandes editoras. Toureando o diabo, por sua editora, Editora Averbucks, em 2016. Há muitos textos



de sua autoria circulando em várias revistas, em blogs, podcasts e...no instagram. Para o que propusemos aqui, esses corpos textuais enfatizam as propostas de autoficção da autora, qual seja, um ativismo feminino que aponta às preocupações com a figura, principalmente, da mulher. Um corpo que se dá a ler no ou sem complemento do texto verbal. O porquê ela escolheu a pole dance para expressar essas agruras femininas pudemos observar em seus ângulos de selfies que provocam o olhar. Não houvesse o verbal e o imaginário daria ao voyeur o que ele busca. Não a afetação tão somente de prazer sexual, mas a indagação dos movimentos, as vestimentas mínimas do uso da dança, a extravagância do corpo. A presença do espectador em cena. Um corpo que dança conforma-se em outro que dança também. Como apontamos, um imaginário o que faz de Clarah, em certo sentido, um ícone a ser imitado, a ser seguido por outras mulheres em busca da expressão não somente, mas em busca de um ativismo que fala pelo corpo. O que fala esse corpo, qual é a sua escritura? Aquela que aponta para a ainda opressão do feminino moldado a calar-se. Tudo que Clarah Averbuck não faz. Por isso, dança. Dança e pratica essa dança em rede social, no instagram, próxima de quem a segue. Escreve com o corpo as vicissitudes de ser mulher em um corpo literário que fala.

Referências

AVERBUCK, Clarah. *Eu quero ser eu*. São Paulo: 7letras, 2013.

AVERBUCK, Clarah. *Feminismos para Leigos*. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2015/03/03/clara-averbuck-feminismo-para-leigos/>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

AVERBUCK, Clarah. Perfil no instagram. *caverbuck*. 2019-2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GIMENES, Roseli. *Literatura brasileira do átomo ao bit*. São Paulo: Scortecci, 2017.

LACAN, J. *Le séminaire, livre XXII: RSI (1974-1975)*. (Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: Disponível em: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação*. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais*. A cognição conectiva do twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

Clarah Averbucks's Instagram: a literary body that speaks.



Abstract: The aim of this article is to present a discussion about the role of social networks in digital activism by pointing out the expressive issues of feminism through the instagram of writer Clarah Averbuck. Averbuck pioneered the digital writing space by creating a provocative blog many years ago discussing the key issues of female empowerment. For instagram the posture in learning pole dance, considered a dance of sexual connotations in their presentations, common sense, shows and nightclubs for male audience. The methodology of the work consists of analyzing some photographic posts with a verbal literary context pointing, almost always, a critique of this masculine universe that criticizes intellectual women in scenes called ironically obscene. The material will be analyzed from the theoretical point of view of Castells (2013) due to the use of social networks for expression beyond the literary, but also the literary. The discussion is set, by fusion image-text, in the semiotic conception of the body according to the positions of Lucia Santaella (2004) adding to the interpretations of Santaella and Lemos (2010) about social networks. Revealing how creative and poetic the network shows how Instagram can also talk to everyone demystifying the female body.

Keywords: Clarah Averbuck; Literature; Body; Instagram; Social networks